

João Monge

# CHÃO DE ÁGUA

ORIGINAIS

TEATRO da TERRA



João Monge iniciou a actividade de letrista no início dos anos 80 com o grupo Trovante tendo participado em vários álbuns até à extinção do grupo.

Com Manuel Paulo, João Gil e Nuno Guerreiro esteve na fundação da Ala dos Namorados de que é autor de parte significativa das letras de todos os discos.

Autor do projecto *Rio Grande* em co-autoria com João Gil que contou com a participação de João Gil, Rui Veloso, Tim, Vitorino e Jorge Palma.

Autor do disco *O Assobio da Cobra* em parceria com Manuel Paulo editado em Novembro de 2004. Este disco conta com as participações de Zeca Baleiro, Manuela Azevedo, Vozes da Rádio, Arto Lindsay, Vitorino, Tim, Filipa Pais, Rui Veloso, Arnaldo Antunes, Dany Silva, Graça Reis, Jorge Palma, Camané, Sérgio Godinho e Carlos Guerreiro. Participou como autor de textos no disco *Estrela* de José Peixoto e Filipa Pais (2004). Foi autor, em 2005, do disco das Vozes da Rádio de nome genérico *Mulheres*, e participou, com João Gil, nos discos da Filarmónica Gil. Para além destes trabalhos, tem escrito para Rui Veloso, Ana Sofia Varela, Mísia, Camané, Luís Represas, Carlos do Carmo, etc. Em 2006 escreveu *Crua*, disco com letras sobre fado tradicional, para a fadista Aldina Duarte de que também foi produtor musical. Durante 2006 escreveu, em parceria com Manuel Paulo, parte significativa do disco *Mentiroso Normal* da Ala dos Namorados. Em 2008, juntamente com Manuel Paulo, realiza o projecto *O Pássaro Cego*. Este projecto, para além da componente musical para a qual Nancy Vieira dá a voz, conta igualmente com a colaboração do pintor João Ribeiro. Em 2009, em parceria com João Gil, compõe o disco *Fados de Amor e Pecado*, interpretado pela fadista Ana Sofia Varela, foi agraciado com o Prémio Amália para melhor disco de fado. Em 2010, de novo em parceria com João Gil, escreve o disco *Baile Popular* contando com a colaboração de Paulo Ribeiro, José Emídio, João Paulo e Luís Espinho nas vozes e dos músicos Mário Delgado, Alexandre Frazão e Miguel Amado.

Em 2011 estreia a peça, de que é autor, *A Lua de Maria Sem*. Esta peça, que incide sobre fados de Alfredo Marceneiro, tem como director musical José Peixoto, encenação de Maria João Luís e as interpretações de Maria João Luís e Manuela Azevedo. Em 2012 recebe o prémio Amália na qualidade de Letrista e o Teatro da Terra estreia a sua peça *CHÃO DE ÁGUA* (a partir de *As Troianas* de Eurípedes) com encenação de Maria João Luís.

A 7 de Setembro de 2012, foi apresentado na Culturgest o Quinteto Lisboa que conta com a sua autoria nos textos a par das composições de João Gil.

ORIGINAIS  
TEATRO DA TERRA

CHÃO DE ÁGUA  
de João Monge

© TEATRO DA TERRA (2013)  
Herdade do Colmeal - Ribeira das Vinhas  
7400-070 Galveias  
teatrodaterra@gmail.com  
teatrodaterra.pt.vu

Este livro não pode ser reproduzido total  
ou parcialmente, sem a autorização  
prévia do editor.  
Todos os direitos reservados.

Paginação - Pedro Domingos  
Fotografias © Pedro Domingos

ISBN 978 - 989 - 98691 - 0 - 3  
1ª edição Novembro 2013  
Tiragem: 300 exemplares  
Depósito legal nº 366649/13

Impresso na GUIDE Artes Gráficas, Lda  
Rua Heróis de Chaimite, 14 - 2675-374 Odivelas

João Monge

# CHÃO DE ÁGUA

A partir de As Troianas de Eurípides

João Monge recebeu, com CHÃO DE ÁGUA, o prémio Autores 2013 SPA/RTP para melhor texto de Teatro Português representado.

Personagens

**SENHOR DAS ÁGUAS**  
**SENHORA DA SABEDORIA**

**CATARINA**

**PORTA-VOZ**

**LAURA**

**MARIA DA LUZ**

**REI**

**LUZIA**

**MULHER JOVEM**  
**MULHER DE MEIA-IDADE**

**CORO**

Ao centro Catarina está prostrada carpindo a sua infinita dor. Ao fundo, as águas do MAR DA SOBERBA borbulham em cachão como se de água fervente se tratasse.

### SENHOR DAS ÁGUAS

Sou eu, SENHOR DAS ÁGUAS, que aqui venho das praias onde as ostras dão fortuna e os peixes são de infinitos tamanhos. A Terra envolta em água por mim é una, pois a todos os mares dei uma cintura; a todos dei a forma de mulher e a cadência insinuante das correntes; assim, dei a uma terra qualquer o pão que vem do mar às suas gentes.

Dei a estrada infinita sobre as águas e um sonho ao sonhador que vê mais longe. Se há leis do mar, então eu trago-as no poder criador de que me adorno.

Sou eu, SENHOR DAS ÁGUAS, que aqui venho a este mar que é filho da soberba e a cujas margens dão vosso infortúnio. Vós, que sucumbis à VIL PROMESSA de uma ilha de Luz e Prosperidade, padeceis deste mar que vos invade dos telhados das casas até aos ossos. Os mais pungentes lamentos são destroços que flutuam com as vestes que trazíeis.

Deste mar fervente sou vencido pela SENHORA DA SABEDORIA que, a quem enganou esta gente, fez a vontade. Deste mar fervente sou vencido, não pelas entranhas de um vulcão, pois de labaredas não se trata. O fervilhar que além vedes é a última respiração dos homens e das casas, dos templos e dos cemitérios e da sua história submersa. A todos afogou a VIL PROMESSA.

Aquelas mulheres que ao longe se avistam, poupa-  
das ao dilúvio que sobre a terra de seus avós se abate,  
caminham, sobre o luto de seus homens, pais e filhos,  
para um destino que os infernos ainda não conhecem.  
Serão escravas dos novos senhores. Da dentição e da  
firmeza das carnes se fará sua sentença: as mais fortes  
serão operárias, as outras, não por falta de préstimo mas  
pelos dotes em encanto e formosura, esquecerão o leito  
daqueles que esta terra afogaram. Entre elas vem LUZIA  
a proscrita. Sem dúvida é merecedora do pior castigo,  
pois cometeu o pecado da dissidência com seu pai, o REI  
DA CIDADE.

(dois grupos de mulheres, umas pela esquerda outras pela direita, aproxima-  
m-se vindas de longe pela margem do MAR DA SOBERBA trajando de  
preto e transportando candeias)

E esta que a meus pés jaz prostrada, CATARINA de  
sua graça, por ser mais sábia, duplamente sofre. Chora a  
morte do seu homem e do seu filho, o destino incerto da  
sua filha LAURA, que enlouqueceu, e chora a esperança  
que lhe escapa do coração pelos nós dos dedos. Chora o  
que partiu, e chora o que nunca há-de voltar.

(O SENHOR DAS ÁGUAS baixa o rosto em sinal de respeito pelo silencioso  
pranto de CATARINA; os dois grupos de mulheres continuam a sua aproxima-  
ção e a terra circundante entoa o seu Canto Lamentoso)

### **Canto Lamentoso**

Fui-te a ver estavas chorando  
Sentada numa pedrinha  
Onde ias de quando em quando  
A lavar à ribeirinha

A lavar à ribeirinha  
Quando a fonte ainda corria  
Fui-te a ver estavas sozinha  
Já lá vens com companhia<sup>1</sup>

(As mulheres pegam na melodia do Canto Lamentoso, entoando-a de boca  
fechada, enquanto se encaminham para o centro da acção marcando o  
"tempo" com o arrastar dos pés.)

(Entra a SENHORA DA SABEDORIA)

### **SENHORA DA SABEDORIA**

SENHOR DAS ÁGUAS, permitis que me dirija àque-  
le que, na imensidão destas terras, se torna de mim mais  
próximo?

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

Claro que sim. Mas ao que vindes? Suscitar a  
minha admiração por este MAR DA SOBERBA que aju-  
dastes a criar? Por este mar infértil, filho do vosso poder,  
bela SENHORA DA SABEDORIA?

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Não é a vossa admiração que suscito mas, a vossa  
compreensão...

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

O que pedis? Compreensão?! Vós que sois a  
SENHORA DA SABEDORIA, que conheceis tudo o que é e  
tudo o que há-de ser, que sabeis de todos os livros escri-  
tos e de todos os livros por escrever, quereis de mim,  
pobre criador dos mares, que vos acompanhe no dom da  
compreensão?

<sup>1</sup> Moda tradicional. Voz masculina à capella.

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Não menosprezeis tamanho poder. Criastes todos os mares da Terra e a todos destes uma cintura. A Terra deles se tornou grávida, de homens, de plantas e animais. Sem o vosso infinito dom o nosso reino dos céus era um vazio, porque não haveria à sua face quem se subjugasse às suas Leis.

Eu apenas criei este mar que condenas, que por fervente se torna impuro. Acreditai que o fiz em nome de um valor supremo: A Luz e a Prosperidade.

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

Agora que, pelo menos, a minha atenção já despertastes, não me quereis dizer ao que vindes? Vindes por vontade de um deus maior?

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Venho por aqueles que na profundeza destas águas agonizam, e pelo destino destas mulheres que nos cercam.

(apontando para o "coro" de mulheres que entretanto havia chegado).

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

É de arrependimento que falais, SENHORA DA SABEDORIA?

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Bem sabeis que o arrependimento é faculdade humana que a nós está vedada. Apenas aos humanos é natural essa sublimação da vontade para que aos nossos pés possam dormir...

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

Temo pela vossa motivação...

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Vingança! É de vingança que vos falo. E é por ela que vos proponho a conspiração dos céus.

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

Não deixa de ser irónica essa impura sede que vos motiva... E de que pecado falais que vos transformou a Sabedoria em ódio?

### **SENHORA DA SABEDORIA**

Aqueles que pela minha vontade e sua mão desgraçaram esta terra, profanaram o cemitério e o meu templo que o guardava. Se aos mortos não se curvaram, a mim não poderia faltar tal gesto. Na sofreguidão da contenda pela posse de LAURA, filha desta que aqui se mortifica, e no instinto verme de ao seu GOVERNADOR a entregar como escrava de dossel, arrastaram-na do altar da Luz<sup>2</sup> contra tudo o que é prescrito.

### **SENHOR DAS ÁGUAS**

Também o meu templo foi profanado. A Fonte Santa<sup>3</sup> que a este povo ofertei no início dos tempos, para que maleitas e agouros em suas águas se esvanecessem, foi pia de lavadouro. De palavras e promessas e das aldrabas que seguram estas águas que aqui vedes.

<sup>2</sup> A Igreja de Nossa Senhora da Luz, Igreja Matriz da velha aldeia, guardava nas suas traseiras o cemitério.

<sup>3</sup> Na antiga Aldeia da Luz havia uma Fonte Santa da qual brotavam águas milagrosas.

TEATRO DA TERRA

# CHÃO DE ÁGUA

de JOÃO MONGE

à partir de AS TROIANAS  
de EURÍPIDES



CHÃO DE ÁGUA estreou a 15 de Junho de 2012 no  
Anfiteatro Municipal de Ponte de Sor

Texto JOÃO MONGE a partir de AS TROIANAS de EURÍPIDES

Encenação MARIA JOÃO LUÍS

Intérpretes

CATARINA GUERREIRO, HEITOR LOURENÇO, HELENA MONTEZ,  
MARIA JOÃO LUÍS, PATRÍCIA ANDRÉ, PEDRO MENDES,  
SUSANA BLAZER E RUI GORDA

CORAL POLIFÓNICO DE PONTE DE SOR dirigido pelo maestro  
RUI MARTINS PICADO

Alda Mendes, Alda Cruz, Alzira Ramos, Ana Filipe, André Rebocho,  
Amélia Bernardino, António Zêzere, António Maia, Artur Correia,  
Cremilde Marques, Emília Inácio, Ermelinda Gonçalves, Isabel Pinto,  
João Mendes, João Pinto, João Cruz, José Margarido, José Silva  
Marques, José Marques, José Dordio, Jorge Rodrigues, Maria Lourenço,  
Maria Dias, Maria Correia, Maria Esteves, Maria Martins, Maria Dordio,  
Maria Rodrigues, Maria Lopes, Maria Cruz, Maria Marques,  
Otilia Oliveira, Rosa Pinto, Rui Oliveira e Suzália Duarte

Figuração Especial

Carolina Pita, Filipa Rosa, Inês Lopes, João Oliveira, Maria Eduarda,  
Mónica Lanzinha, Paulo Roque, Rita Martins, Rodrigo Martins, Salomé  
Palmeiro, Tânia Maurício e Vanessa Campff

Canto em Off PAULO RIBEIRO Desenho de Som JOSÉ FORTES

Figurinos RAFAELA MAPRIL

Direcção de Produção e Luz PEDRO DOMINGOS

Produção TEATRO DA TERRA 2012



CATARINA - Maria João Luís; LUZIA - Catarina Guerreiro



PORTA-VOZ - Pedro Mendes; MARIA DA LUZ - Patrícia André



CORO - Coral Polifónico de Ponte de Sor



MARIA DA LUZ - Patrícia André



CATARINA - Maria João Luís; LAURA - Susana Blazer



GUARDA - Rui Gorda; LUZIA - Catarina Guerreiro; REI - Heitor Lourenço